

## **Intervenção de Encerramento XIV Fórum das Comunicações da CPLP**

**Porto, 26 de junho de 2024**

### **PCA – ANACOM**

- Exmo. Senhor Presidente da ARCTEL (Dr. Artur Coimbra)
- Exmo. Senhor Secretário Executivo da ARCTEL (Dr. Ronaldo Neves Filho)
- Exma. Senhora Subsecretária-Geral e Conselheira Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para África, Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte, a nossa *keynote speaker*,
- Exmos. Senhores oradores convidados deste fórum,
- Exmos. Senhores Presidentes das Autoridades Nacionais de Regulação da CPLP,
- Caros colegas, representantes das Autoridades Nacionais de Regulação da CPLP,
- Minhas Senhoras e meus Senhores,

É com muita honra, em nome da ANACOM e da ARCTEL, que me cabe o papel de encerrar este 14.º Fórum das Comunicações que, com muito carinho e amizade, nos uniu hoje nesta bela cidade do Porto.

Sinto-me grata e reconhecida pelo esforço que todos pusemos para pensar juntos no papel que as tecnologias de comunicação tiveram e podem, e devem, vir a ter para fazer avançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Sabemos que este é um percurso difícil, ou não fosse a concretização dos 17 ODS um desafio global de monta para toda a Humanidade! Também temos consciência de que estamos atrasados no cumprimento deste que é um desígnio de todos, tal como assumimos esse compromisso – toda a comunidade internacional – perante as Nações Unidas.

E foi precisamente pela voz da Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte, nascida em Cabo Verde, mas que nos honrou com a deslocação em pessoa, desde a sede da ONU em Nova Iorque, que nos interrogámos sobre o “triplo paradoxo” de África que ameaça o desenvolvimento do nosso mais promissor continente. Um paradoxo que é financeiro, energético e alimentar resumido na ausência de instituições que mina o

relacionamento do cidadão com o Estado, mas onde as tecnologias de comunicação podem alavancar a inflexão.

A UIT, lembrou-nos a tripla crise planetária, tal como designada pelas Nações Unidas: insegurança climática, perda de biodiversidade e poluição global. Ainda, trouxe-nos a dupla questão sobre o digital ser parte da solução, mas também – apesar deste ser o fator negligenciado da equação – parte do problema: entre 2020 e 2022, só os centros de dados aumentaram 57% o seu consumo energético e as emissões de gases com efeito de estufa cresceram 45%.

E, como nos informou o Diretor de Informação e Inovação da ANACOM, em 2027, estima-se que, dado o seu crescimento exponencial, viremos a necessitar de 7 biliões de metros cúbicos de água, apenas para arrefecer centros de dados.

Em 2021, 4 empresas digitais encontravam-se no “top 20” dos maiores consumidores mundiais de energia. Uma energia que, em 2050, quando alcançarmos a almejada neutralidade carbónica, será sobretudo solar, abundante e barata, não sejam as energias renováveis, associadas às baterias para armazenamento, cada vez mais competitivas, como afirmou o orador do INESC TEC, Prof. Manuel Ricardo.

Ainda a UIT abordou a economia circular e o premente tema dos resíduos elétricos e eletrónicos (REE) com números impressionantes: [em 2022 todos nós produzimos 62 milhões de toneladas de ewaste](#). Registou-se mesmo, face a 2010, um aumento de 82% de Resíduos elétricos e eletrónicos face a 2010. Cada cidadão europeu produziu em média 17,6 quilos de lixo eletrónico por ano. Por isso lembrem-se: da próxima vez que mudarem de telemóvel, deixem o velho aparelho no vosso operador ou ponto de reciclagem. Se ficar esquecido na gaveta ou for parar ao aterro, não estamos a reciclar os preciosos minérios e a diminuir a necessidade de mineração e de extração de matérias-primas. A União das Telecomunicações deixou-nos, por último, o desafio, de que mais reguladores adiram à sua iniciativa [Green Digital Action](#), lançada na última COP.

Também o BEREC nos mostrou os esforços desenvolvidos pela União Europeia para analisar os impactes ambientais do digital, auscultar o sector e melhor compreender como podemos reduzir a nossa pegada ecológica. Até porque, de facilitador do

desenvolvimento económico, da educação, da saúde e do trabalho à distância, o digital corre o risco de, no futuro próximo, vir a agravar a crise das emissões de gases com efeito de estufa (GEE) que provocam o aquecimento global, se não apostarmos fortemente nas fontes de energias renováveis, na eficiência energética e em particular eu vou-vos dizer que se não adotarmos o conceito de [suficiência digital](#), face ao aumento exponencial que advém da nova realidade de estarmos “sempre e em toda a parte” ligados.

Na UE, a França, a quem o Governo atribuiu ao regulador sectorial ARCEP há alguns anos “mandato político” para monitorizar e preparar a “regulação” ambiental do digital assume-se hoje como o único regulador europeu que, de forma consistente, recolhe informação sobre sustentabilidade e prepara medidas para o digital.

Luís Neves, do GeSI, foi mesmo mais pessimista, garantindo que as emissões do digital representam 15% do total de emissões de gases com efeito de estufa. Mas, por outro lado, que 65% dos ODS, desde a saúde à educação, vão ter impacto positivo por meio das tecnologias digitais, sendo o mais problemático para o sector o ODS12 (Produção e consumo sustentáveis).

O Brasil deu-nos a conhecer o projeto Infovias/ Amazónia Integrada Sustentável, num notável esforço de mostrar que comunicar é, antes de mais, um direito humano, e que a nossa preocupação em alargar esse direito, não deixando ninguém para trás, é um imperativo em particular nas zonas mais remotas, com populações vulneráveis e comercialmente menos atrativas.

De Moçambique ficámos a par dos esforços que África faz para mitigar os efeitos dos fenómenos climáticos mais intensos e frequentes e para adaptar as suas infraestruturas de comunicações e torná-las mais resilientes aos efeitos dramáticos das alterações climáticas, consideradas atualmente o maior desafio com que nos confrontamos, bem como para operacionalizar as suas telecomunicações de emergência. África que é um dos continentes mais vulneráveis aos eventos meteorológicos extremos, mas que mesmo assim fica atrás da [Europa](#), a região do mundo que sofre o mais rápido ritmo de aquecimento global face aos níveis pré-industriais.

De igual modo, no sector postal, representado pelos CTT, ficámos cientes dos esforços – que hoje se podem generalizar a muitos países – de descarbonização de frotas, de complementaridade com modos de locomoção suaves, com boas práticas e todo um repensar da estratégia de distribuição, privilegiando as cadeias mais curtas e sustentáveis. Sem esquecer, claro, questões como o impacto social do negócio e a proximidade às comunidades; ou a relevância da boa governação traduzida em critérios de equidade de género em cargos de liderança, a criação de comités ESG ao nível da gestão de topo, a certificação como “empresa amiga da família” ou a adesão a programas de voluntariado pelos colaboradores.

Destaco também a intervenção do Carlos Carvalho, da ANJE, sobre a importância da segurança e da cibersegurança como base fundamental para garantir o sucesso da implementação plena dos ODS e garantir a proteção de direitos fundamentais.

Pedro Mota Soares, Secretário-Geral da APRITEL, falou da importância da existência de infraestrutura de base e quando se fala de infraestrutura, hoje, não podemos deixar de falar do 5G. Mais, deixa-nos o conforto de saber que o sector das comunicações está empenhado em investir em energias renováveis, e que este é um empenho intrínseco, que espelha as preocupações das novas gerações

João Caboz Santana, Presidente da AICEP, falou-nos da inovação digital e o impacto no trabalho e na sua organização. Falou-nos, por exemplo, da solução de conveniência e pro-sustentabilidade dos operadores postais, que são os *lockers*.

Pessoalmente congratulo a ANATEL e o Conselheiro Alexandre Freire, pela visão estratégica em considerar os ODS na fundamentação das decisões do Conselho, passando também esta visão para as áreas técnicas que também fundamentam as suas ações a partir da agenda 2030 e os ODS. Não tenho qualquer dúvida que este é o caminho a seguir pelas organizações e pelas autoridades reguladoras em particular. O Conselheiro Alexandre falou-nos ainda do caminho, ainda longo, que há a fazer relacionado ao ODS 12 – produção e consumo sustentável.

Ainda no espírito deste último painel, gostaria de vos transmitir também, a minha visão no papel de académica e professora universitária. O que estudamos, ensinamos e aprendemos deve estar devidamente enquadrado nestes ODS – sem interferir na

liberdade individual de cada professor, investigador. Este ponto é de extrema importância para um melhor alinhamento entre a academia, sector empresarial e público em prol do desenvolvimento sustentável.

Transição energética, tecnologias digitais, o papel dos cabos inteligentes ao serviço do ambiente, inclusão social e ODS – tudo isto abordámos hoje e, apesar de cansados, penso que podemos afirmar que chegámos ao final deste dia mais enriquecidos, pela partilha de conhecimentos, mas sobretudo mais entusiasmados pelas pistas para reflexão, e sobretudo, AÇÃO, que levamos para o futuro.

Uma palavra final para enaltecer a qualidade dos oradores que participaram neste evento, bem como a curiosidade do público, pois ambos deram um inestimável contributo para o desenvolvimento sustentável dos mercados e da intervenção reguladora nos vários países que integram a ARCTEL.

Da minha parte, sinto-me grata por este Fórum em que, quase sempre em língua portuguesa, estivemos disponíveis para debater como o digital, promovendo a sobriedade no consumo sustentável de recursos, pode ajudar a cumprir a Agenda 2030, garantindo o acesso de todos à prosperidade dentro dos limites do Planeta.

Muito obrigada a todos – gostaria em particular de agradecer à ARCTEL e à delegação do Porto da ANACOM pelo apoio.

Deixo os meus desejos de que passem uma noite aprazível, repousada ou mais movimentada no norte de Portugal. E, para quem se junte à seleção de Portugal, uma boa noite futebolística!

Sandra Maximiano